



Mulheres subjugadas através da alienação religiosa em feminismo em “The Handmaid’s Tale”: uma distopia que reflete o brasil atual

Camilla Gomes Nascimento
Universidade Estadual de Goiás
camillagnb@gmail.com

João Henrique Suanno
Universidade Estadual de Goiás
suanno@bol.com.br

Resumo: O presente artigo utiliza a ficção seriada “O conto da Aia” (The Handmaid’s Tale), baseada na obra de Margaret Atwood, como narrativa distópica para análise da subjugação da mulher na sociedade ocidental capitalista através da religião. A qual, através da alienação a que é submetida através de discursos morais e religiosos, é impedida de exercer sua autonomia de sujeito pensante e livre. O romance de Atwood é capaz de sintetizar condições em que historicamente a mulher esteve e está sujeita, dessa forma, pretendemos uma análise sociológica que desnaturalize as opressões impostas as mulheres. Neste processo de subjugação das mulheres e, tantas vezes, a religião esteve a serviço de construir as narrativas para sustentar tantas histórias de atrocidades, e o mito cristão é só uma entre tantas outras versões da mesma violência simbólica historicamente existente e cometida contra as mulheres.

Palavras-chave: Alienação religiosa. Feminismo. Capitalismo. Violência simbólica

Introdução

Estamos no século XXI, mas, o ano de 2019, no Brasil, inicia-se como uma nova versão de tempos antigos, tempos medievos em que a religião determinava a vida política, a cultura, a educação e praticamente toda a vida social da sociedade. O Presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, toma posse após uma campanha eleitoral com a máxima “*Deus acima de todos e Brasil acima de tudo*”¹, entre outras frases recheadas de moralismo religioso e um modelo patriarcal de sociedade em que as mulheres exercem papéis coadjuvantes em relação ao lugar de protagonismo desempenhado pelos homens. Em franca e plena conformidade a um suposto mandamento do sagrado livro judaico-

¹ Veja mais sobre a eleição nos registros de campanha. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/leia-discurso-na-integra-do-presidente-eleito-jair-bolsonaro-psl-23194099> />. Acesso em 15/01/19.



cristão, “As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja(…)” (Bíblia, Efésios 5.22-3), o que se propõe é a manutenção destes valores como modelo ideal de vida. É preciso salientar que todo o livro orientador da fé judaico-cristã estabelece este lugar e papel social para as mulheres², de modo que, aqueles que seguem esta crença, a despeito de toda a aparente boa vontade, modernidade³ e narrativa construída de cidadania superior e sublime, em relação aos demais cidadãos que não professam sua crença, revelam uma postura de violência e opressão contra as mulheres, assim como graves retrocessos no avanço dos direitos conquistados pelas mulheres e grupos sociais minoritários.

Este processo político, entre outros que vem ocorrendo nos últimos anos do país, inserem-no num contexto global que alguns estão chamando de nova onda conservadora, dados os sinais de avanço do conservadorismo, em que a extrema-direita está ocupando os espaços de decisão política. Nos Estados Unidos da América isto é evidenciado pelo governo de Donald Trump, sempre com afirmações hostis as minorias. Em outros países como Alemanha, Reino Unido, França, Áustria, Suíça, vem ocorrendo o ressurgimento de linhas políticas ultraconservadoras, a não aceitação por parte de países europeus aos refugiados africanos e sírios, tendo no Brasil também comportamentos hostis por parte da população. A saída da Grã-Bretanha da União Europeia, posição defendida pela extrema direita, a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris, negligenciando sua cota de responsabilidade aos danos causados ao meio ambiente, e o aparente acompanhamento do presidente brasileiro aos Estados Unidos, ameaçando retirar o Brasil também deste acordo. Assim como todos os embates ocorridos no campo dos direitos humanos, entre forças progressistas e a extrema direita, acenam para o crescente avanço das vozes conservadoras, vindas principalmente das bancadas religiosas nas câmaras e assembleias legislativas no Brasil e em outros países.

² São vários os trechos e narrativas que retratam o papel social relegado para as mulheres, conforme está escrito no início, livro de Gênesis: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (BÍBLIA, Gênesis 2.18).

³ Para Max Weber, a modernidade estava imbuída de tolerância designado como pluralismo de valores, alcançado pela autonomização das diversas dimensões da experiência, assim como a fragmentação das diferentes esferas do mundo. Sendo assim, Weber considerava a modernidade como processo de desencantamento do mundo, de perda das referências mítico-religiosas como orientadoras, o que, para o homem da tradição, davam sentido e coerência à experiência e ao destino. (Weber, 2013)



No caso específico do Brasil, há ainda agravantes desse movimento político e social, que podemos observar no crescente aumento de parlamentares das chamadas bancadas do “boi, da bala e da Bíblia”⁴, também no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em um processo que terminou com a conclusão de inocência da mesma, que atestam tanto uma política de misoginia quanto de vitória de grupos políticos que buscam um acordão corrupto no país⁵. Mais recentemente, houve também o assassinato da vereadora Marielle Franco, socióloga e feminista do PSOL⁶ que representava as minorias, e denunciava constantemente abusos de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. E entre tantas notícias ruins, ocorreu também a renúncia do mandato de Jean Wyllys, eleito deputado federal também pelo PSOL, depois de receber sérias ameaças contra sua vida e decidir se retirar do país.

Nesta conjuntura política brasileira, que incluiu a perseguição aos seus opositores políticos, onde podemos incluir as ameaças feitas por Bolsonaro as mídias que não demonstraram apoio ao seu governo⁷, desencadeou uma série de movimentos em reação por parte de grandes empresas de mídia como Rede Globo de Televisão e o jornal Folha de São Paulo, acentuando críticas e apontando erros no governo. O movimento mais recente, o qual coloca as mulheres no centro da discussão, foi a apresentação da premiada série televisiva “The Handmaid’s Tale” (O Conto da Aia) na programação da Rede Globo.

⁴Popularmente conhecida como Bancada BBB (Boi, Bala e Bíblia) são os representantes dos interesses da agropecuária, militares e policiais que atuam com políticas de repressão que se apresentam com o argumento de maior segurança, e os religiosos. A expectativa do aumento de força das bancadas conservadoras era real e se concretizou. Veja mais <<https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/renovada-bancada-evangelica-chega-com-mais-forca-no-proximo-congresso/>> Acesso em 05/01/19.

⁵ Os noticiários do país e do mundo vazaram as conversas que determinaram o “Acordão”, como ficou conhecido, que propunha uma aliança política e corrupta entre os poderes do Estado brasileiro. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html> Acesso em 08/01/19.

⁶ PSOL – Partido Socialismo e Liberdade.

⁷ As ameaças se referem a diminuir o espaço e a verba oficial disponibilizada para a mídia, na qual, a Rede Globo de Televisão recebe maior porcentagem. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/bolsonaro-tem-projeto-para-atacar-dominio-da-globo-na-publicidade.shtml>> Acesso em 18/01/19.



A arte como reinvenção da farsa

Em síntese, “The Handmaid’s Tale” traz a estória de uma América do futuro, em que após um ataque terrorista matar o presidente e a maioria do Congresso dos Estados Unidos, um movimento fundamentalista cristão chamado “Filhos de Jacó” lança um golpe e suspende a Constituição sob o pretexto de “restaurar a ordem”. Rapidamente tiram os direitos das mulheres, supostamente através de registros financeiros armazenados eletronicamente e rotulados por sexo. O novo regime, a República de Gileade, trabalha para consolidar seu poder e reorganizar a sociedade em um novo modelo totalitário, militarizado e hierárquico de fanatismo religioso e social inspirado no Antigo Testamento, que constitui a Bíblia, livro da fé cristã. As mulheres são submetidas a extremo controle social, e como os índices de natalidade são muito baixos, aquelas que são férteis são submetidas a escravidão sexual por parte dos homens afim de que as famílias dos comandantes desta sociedade tenham continuidade. A maternidade e a família são valores importantíssimos nesta sociedade teocrática, portanto, todos se esforçam em cooperar e se submeter aos sacrifícios necessários para a manutenção deste modelo, obviamente que a crítica recai sobre um mundo idealizado, cheio de privilégios para os homens, enquanto para as mulheres se desvela em submissão, dores e obrigações sem fim, portanto, um estado de completa alienação. Este horizonte de grande peso sobre as mulheres fica evidente na narrativa da aia Offred, cheia de saudosismo dos tempos de democracia na América e “uma vida normal” em que as mulheres eram livres para fazer suas escolhas.

A despeito de toda a discussão proposta por SILVA (2014) sobre a nova acessibilidade permitida pela transnacionalidade das ficções seriadas, doravante chamadas apenas de ‘séries’, há que se observar também a exploração da literatura existente, séries tais como Harry Potter, The Handmaid’s Tale, Gilrross, 13 Reasons Why, Dexter, Pretty Little Liars, House of Cards, Orange Is The New Black, entre outras que são baseadas, na maioria dos casos, em livros homônimos, possibilitando assim, que muitos cheguem ao conhecimento das obras literárias que inspiraram as séries ou filmes deles derivados. Como foi o caso do romance “The Handmaid’s Tale” (doravante THT) escrito por Margaret Atwood em 1985, e que era quase desconhecido no Brasil, derivou a série televisiva feita em 2016 que agora populariza a obra. THT já é considerada uma



das séries mais pertinentes entre as recentemente produzidas, produção de Bruce Miller, através do serviço americano de streaming Hulu, foi a obra televisiva mais premiada do ano de 2017, vencendo cinco Emmys⁸ e o “Globo de Ouro 2018”. Além de celebrada como Melhor Série Dramática, levou também os prêmios de Melhor Atriz para Elisabeth Moss (que atuou como June Osborne/Aia Offred), de Melhor Roteiro para Bruce Miller, e também melhor atriz coadjuvante e melhor atriz convidada para as interpretações das personagens Offglen e da Tia Lídia. Segundo SILVA, o complexo aumento da produção assim como a procura por séries de TV, envolvem a dialética entre o investimento em novas formas de narrativas, a complexificação do contexto tecnológico e os modos de consumo multifacetados. Assim, o autor considera o modo como produtoras como a NETFLIX, utilizam os dados fornecidos pelos próprios clientes para entender a demanda e então fornecer um catálogo de filmes e séries interessantes para seus consumidores ávidos por novas narrativas que escapam do clichê tradicional oferecido por Hollywood e produtoras que seguem também este perfil tradicional.

Segundo TRUJILLO (2016) a narrativa distópica mostra o mundo terrível da protagonista, este estranhamento causado é um elemento textual bem presente e a estória está centrada em uma personagem que questiona a realidade vigente desta sociedade em que está inserida, de um lado um suposto ideal de sociedade melhor, com argumentos religiosos de pureza e boa vontade entre as pessoas, e de outro lado o que acontece na realidade com dura exploração e cerceamento. Assim, a narrativa de “O Conto de Aia” se dá ao redor de duas narrativas contrapostas, a de um regime hegemônico e a de resistência deste, o que segundo a autora é uma estratégia literária do uso social e antissocial da linguagem que a coloca estruturalmente como arma de opressão e resistência. Nesse ambiente da literatura distópica é possível perceber o estranhamento causado por esta antiutopia, em que a utopia na prática é o avesso do esperado, presente em regimes totalitários, ditatoriais, onde se exerce um poder tirânico com extremo controle social em nome de um suposto bem-estar coletivo, mas que na verdade promove corrupção e regras convenientemente inflexíveis.

⁸ O Emmy Award é o maior e mais prestigioso prêmio atribuído a programas e profissionais de televisão. É equivalente ao Oscar, o Tony, e ao Grammy. Os prêmios são apresentados em diferentes cerimônias realizadas durante cada ano. Disponível em <<http://emmyonline.tv/>> Acesso em 17/01/2019.



Se questionarmos qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de Atwood, deveremos também, segundo Antônio Candido, observar qual a influência exercida por esta obra sobre a nossa sociedade ocidental, e assim, nos aproximarmos de uma interpretação dialética mais profícua. “Para a sociologia moderna, porém, interessa principalmente analisar os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa ou consequência” (CANDIDO, 2006. p. 30). Percebemos então que a própria existência da obra para o formato atualmente mais popular de arte que é a TV, já indica que existe um eco da obra de Atwood crescente na sociedade ocidental e mais especificamente na brasileira, assim como um espaço também crescente para discussões acerca da situação da mulher numa perspectiva de enfrentamento contra as injustiças, a falta de equidade de gênero, contra os modelos patriarcais de mundo que subjagam a mulher. Fato tão real que o mercado e os empresários do ramo, neste caso Hulu e Netflix, estão aproveitando bem.

Para compreender melhor o diálogo proposto por Atwood é interessante situar em que contexto histórico se situava a autora. O século XIX é o momento em que as mulheres começam a trabalhar nas fábricas, em 1848 surgem associações femininas reunidas para impedir a exploração e o abuso sexual por parte dos patrões. Em 1874 é criada a primeira lei que regulamenta o trabalho, proibindo menores de trabalhar no período noturno, estipulando dia de descanso e tempo de trabalho diário. Com relação ao sufrágio, só em meados de 1945 (1932 direito ao voto, obrigatório em 1946 no Brasil) as mulheres conquistam o direito ao voto e este é tornado obrigatório. Segundo Simone de Beauvoir (1980), o movimento das sufragistas foi lento porque as mulheres se solidarizaram pela sua classe e não pelo sexo. Assim, os interesses da classe burguesa não se uniam ao das proletárias. A industrialização, porém, não trouxe tanto as mulheres para o mercado de trabalho quanto a guerra, conforme Margareth Rago afirma em entrevista,

“As mulheres estão nas fábricas desde o início da Revolução Industrial [na Inglaterra, no século 18]. A industrialização começa com fábricas de tecidos, que quem faziam eram mulheres e crianças, só que era um contingente menor. A guerra força as mulheres a entrarem mais massivamente no mercado de trabalho”. (RAGO apud FUJITA, 2015)

Assim o período durante e pós-guerra acarreta em readequação dos valores culturais, à medida que os homens saíram para guerrear, as mulheres ocuparam os lugares vazios deixados por estes homens, assim como foram recrutadas também ao trabalho na



guerra, mas este ainda de modo de mais restrito, durante a Segunda Guerra Mundial. Foi permitido o alistamento militar para mulheres e estas desenvolveram atividades como análises de códigos dos inimigos. A mentalidade construída em torno das mulheres, de que o seu lugar era em casa, passou então a deixar de ser válida pela urgência com que o mercado de trabalho precisava do trabalho delas (RAGO apud FUJITA, 2015). Depois da guerra uma das proibições extintas foi a que impedia as mulheres casadas de trabalharem em escritórios, foram criadas creches como recurso para trabalhadoras que tinham filhos, surgiram grupos de aviadoras nos esquadrões aéreos da Rússia. Porém, é importante observar que após a guerra muitas mulheres foram retiradas desses trabalhos, para que voltassem a ser ocupados por homens que voltavam da guerra, ou permaneceram trabalhando, mas recebendo salários menores. Portanto, a guerra favorece a emancipação das mulheres, mas, esse processo é fomentado pelo desenvolvimento do capitalismo que enxerga uma oportunidade nesta mão de obra.

A transformação de uma mentalidade estabelecida na sociedade, portanto mais consensual, não se dá de modo imediato, são anos de avanços e permanências. Isso pode ser observado no fato de que nos idos de 1950, ainda era vigente a ideia da casa como ambiente da mulher, a rainha do lar, mas já haviam algumas ranhuras nessa ideia. Nas décadas seguintes, 1960 e 70 emergem os movimentos Feministas e LGBT's, e pelos direitos civis dos negros nos EUA. Margareth Rago (op.cit.) observa ainda que desde então continuamos nesse processo de revisões e permanências, para a história da sociedade é pouco tempo.

É possível situar os avanços e retrocessos da subordinação das mulheres, em um contexto mais profundo e histórico, através do trabalho de Silvia Federici que relaciona os fenômenos importantes para a acumulação capitalista, os quais são o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho, a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens, a mecanização do corpo proletariado e sua transformação em máquina de produção de novos trabalhadores. Neste ambiente, situa-se também o movimento de caça às bruxas, dos séculos XVI e XVII, também tão importantes ao capitalismo quanto a colonização e a expropriação do campesinato (FEDERICI, 2017). Sendo assim, a história mostra como o avanço da globalização capitalista é sempre acompanhado de violência para fins de acumulação primitiva. Federici observa também,



como houveram momentos na história, em que políticas sexuais com claro objetivo de manejar a população e estabelecer controle social, institucionalizaram a prostituição, permitiram o estupro das mulheres através da descriminalização do ato (FEDERICI, 2017, p. 103-7), e assim, ainda segundo Federici, a acumulação primitiva sempre se constitui como acumulação de diferenças e hierarquias por gênero, raça e idade. Portanto, o capitalismo criou formas de escravidão mais brutais para intensificar a exploração, e neste ambiente, as mulheres historicamente ocuparam os lugares mais tenebrosos nas oficinas de exploração e violação dos seres humanos.

Ana Rüsche (2015) chama a atenção para a necessidade de ampliação da consciência histórica para tratar da situação da mulher na sociedade capitalista, e observa como a construção da narrativa de Atwood, que inverte nossas expectativas esperançosas de futuro, para um assombroso passado,

Dessa maneira, embora a narradora se esforce para se refugiar em lembranças saudosas do passado, essas recordações não são os “verdadeiros anos dourados” de 1950 e 1960 aos quais ela assistiu, e sim as décadas de crise dos anos de 1980. Ou seja, o tom nostálgico que estrutura a narrativa reforçaria “o tabu do desmoronamento”. Inclusive, é notável que, na narrativa de Atwood, o princípio pelo qual a produção seria erguida se mantém firme: a lógica cultural do capitalismo não se altera nessa distopia. Mantém-se os privilégios de classe, a própria produção de mercadorias e a economia de guerra” (RUSCHE, 2015, p. 57).

No momento em que o romance de Atwood fora escrito, estava vigente a segunda onda do feminismo, que conforme observa Rusche (2015) é datada do Armistício (fim simbólico da Primeira Guerra Mundial em 1918) até 1990, e desde então vigora a terceira onda com as teorias de gênero e o suposto pós-feminismo, que implica a suposição de algumas “superações teóricas” que acarretam no apagamento das diferenças relativas à raça e classe social. De tal modo que, valores tão caros ao feminismo como autonomia, horizontalidade e a revisão do conceito de autoridade são ressignificadas pelas práticas neoliberais, para a intensificação do trabalho assalariado. O que significa o prejuízo de promover a expansão capitalista, em lugar de emancipar as mulheres da sujeição patriarcal. E é nesse contexto de terceira onda do feminismo que a sociedade brasileira desfruta da série THT. A obra confronta a nossa realidade no futuro sombrio de Gileade, que na verdade continua a lógica da acumulação primitiva que nos mantém na exploração e na opressão. Dentro dessa compreensão histórica, nos parece aterrador



lembrar de “O Conto da Aia” que parece nos lançar em uma versão bis dos fatos históricos já ocorridos e então sintetizados, mas, o pior é vê-lo ainda como uma ameaça de nova repetição. Citando Oscar Wilde, “A vida imita a arte mais do que a arte imita a vida”, ou será que a história se repete como farsa? A América do Norte no momento em que fora escrito o romance, nos anos 80, pautava a discussão sobre o direito às práticas religiosas, onde se ecoavam as vozes impondo as mulheres o papel restrito de donas de casa, enquanto estas estavam em busca de sua autonomia. Mas se olharmos novamente os tempos americanos de outrora, retrocederemos ao puritanismo⁹ do século XVII, ambiente de totalitarismo hierárquico. (ABREU, 2018)

A religião sempre está presente como ideologia para justificar violências e, principalmente, as direcionadas as mulheres. Assim como na tragédia grega, o acontecido a Ifigênia, precedendo o início da Guerra de Tróia, mito que pode ser comparado a outros mitos da tradição judaico-cristã que “justificam” certos sacrifícios e violências, seja como de Maria, alienada sobre o seu direito de escolher conceber um filho, antes ‘enxertada pelo Espírito Santo’, ou Isaac, o escolhido como vítima sacrificial porque assim é a “vontade divina”, mas que acaba por escapar por outra determinação divina. No entanto, Ifigênia não escapa, situação descrita por Lucrécio com horror:

“Na maior parte das vezes foi exatamente a religião que produziu feitos criminosos e ímpios. Foi assim que em Áulis os melhores chefes gregos, escol de varões, macularam vergonhosamente com o sangue de Ifigênia o altar... E em nada podia valer à infeliz, em tal momento, ter sido a primeira a dar ao rei o nome de pai. Foi levantada pelas mãos dos homens e arrastada para os altares, toda a tremer, não para que pudesse, cumpridos os ritos sagrados, ser acompanhada por claro himeneu, mas para, criminosamente virgem, no tempo em que deveria casar-se, sucumbir, triste vítima imolada pelo pai, a fim de garantir à frota uma largada feliz e fausta. A tão grandes males pode a religião persuadir” (LUCRÉCIO, 1985, p. 33).

O exercício da fé por parte dos religiosos, ainda hoje significa para a realidade social, a suspensão da lógica racional, da ética e a imposição de uma outra lógica superior a lógica humana, estabelecendo a possibilidade da ultrapassagem dos limites vigentes. É isto o que ocorre, em várias situações retratadas na série “O Conto da Aia”, por exemplo,

⁹ O puritanismo foi um movimento religioso muito influente na Inglaterra, tendo posteriormente se tornado a principal tradição religiosa dos Estados Unidos da América, enfatizou a pureza e integridade do indivíduo, igreja e sociedade. Lutava pela purificação da igreja, descartando elementos arquitetônicos, litúrgicos e cerimoniais conflitantes com a simplicidade e “pureza” bíblica. Disponível em <<https://www.infoescola.com/cristianismo/puritanismo/>> Acesso em 18/01/19.



quando o comandante ao estuprar sua aia cumpre o rito religioso que o antecede, fazendo alusão ao mito da esposa estéril de Jacó¹⁰, que determina que este use sua criada para lhe dar filhos. Deixando evidente quantos absurdos e violências podem ser empenhadas em nome da crença, violentando mulheres e exercendo pleno e total domínio sobre seus corpos. Para Marx (2008), a alienação se dá em relação ao produto do trabalho, no processo de produção e também em relação a existência do indivíduo enquanto membro do gênero, assim como em relação a outros indivíduos. Trazendo a evidência o vazio do sujeito, neste estado de alienação, e a descaracterização da própria humanidade, e então o sujeito se torna incapaz de exercer sua autonomia e sua responsabilidade de guiar a sociedade. Neste ambiente se estabelece as condições ideais para reproduzir as estruturas elementares vigentes de uma sociedade pautada pelo trabalho e na qual a estrutura econômica é que determina a vida. Tendo em vista a alienação, segundo Peter Berger, “o homem produz valores e verifica que se sente culpado quando os transgride” (1995, p. 23), neste caso os valores produzidos pela religião cristã determinam uma outra conduta, sem relação direta com a ética, construindo uma outra realidade social, que, portanto, jamais pode ser entendida como natural.

O mundo é construído na consciência do indivíduo pela conversação com os que para ele são significativos (como os pais, os mestres, os amigos). O mundo é mantido como realidade subjetiva pela mesma espécie de conversação, seja com os mesmos interlocutores importantes ou com outros novos (tais como cônjuges, amigos ou outras relações) (BERGER, 1995, p. 29-30).

Desse modo, é possível compreender como é possível ser levado ao que o sociólogo Berger chama de anomia (1995), como separação radical do mundo social, conduzindo as emoções e ações dos indivíduos sem ligação com o mundo social real e material, e que em casos extremos leva a perda da identidade e do senso de realidade. A anomia é a condição existencial daqueles que estão inseridos na alienação religiosa e que se submetem, portanto, as normas de determinado grupo religioso que lhe darão sentido a sua existência e ao mesmo tempo lhe impõe angustias, dores, crises e, no caso, das mulheres, enormes restrições e silenciamentos. Max Weber em seu estudo sobre as ações sociais que estabelecem relações sociais, em sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” traz à tona a ideia de recriação do mundo, produzindo um novo racionalismo,

¹⁰ Livro de Gênesis, capítulo 30, versos 1 a 3, da Bíblia cristã.



de modo tão profundo e essencial que todas as esferas da sociedade obedecem apenas e exclusivamente, este novo quadro de referência, e isto, obviamente, afoga todas as ações individuais neste ‘consciente coletivo’. Jessé de Souza afirma que, no caso do racionalismo ocidental, este quadro de referência é o princípio da dominação do mundo.

Acredito que reencontramos aqui o princípio explicitado do nosso atraso. No mundo da política, por exemplo, o patrimonialismo simboliza o universo da política onde se obedecem "ainda" aos homens e não aos princípios impessoais compatíveis com o princípio da reificação do mundo. Nas notas de rodapé da *Ética protestante* Weber lembra que é a extraordinária distância protestante (e judaica antiga) entre os homens e a divindade que possibilita a "afinidade eletiva" entre a obediência a um Deus tão distante e a noção moderna de obediência a uma norma abstrata. (SOUZA, 1998).

De forma clara, no que se refere ao processo de desenvolvimento do capitalismo e as consequências disto para as mulheres, Federici (2017) observa como nobreza, igreja e burguesia se uniram contra os proletários, servos e artesãos, no processo de construção da diferença durante a transição para o capitalismo. Assim, a construção de uma nova ordem patriarcal, perfeitamente embalada pela ideologia religiosa, colocou as mulheres como servas da força de trabalho masculina e isto foi fundamental para o capitalismo. Uma nova divisão sexual do trabalho, estabelecendo uma relação de poder, uma divisão dentro da força de trabalho e um impulso à acumulação capitalista.

“Nunca, na Europa, a exploração da força de trabalho atingiu proporções tão genocidas, exceto sob o regime nazista. Ainda assim, nos séculos XVI e XVII, a privatização da terra e a mercantilização das relações sociais (a resposta dos senhores e dos comerciantes à crise econômica) também causaram ali uma pobreza e uma mortalidade generalizadas, além de uma intensa resistência que ameaçou afundar a nascente economia capitalista. Sustento que é esse o contexto histórico em que se deve situar a história das mulheres e da reprodução na transição do feudalismo para o capitalismo, porque as mudanças que a chegada do capitalismo introduziu na posição social das mulheres – especialmente entre as proletárias, seja na Europa, seja na América - foram impostas basicamente com a finalidade de buscar novas formas de arrematar e dividir a força de trabalho. (FEDERICI, 2017, p. 126)

Posto isto, é importante lembrar que, na maior parte dos casos, os homens foram coniventes ou facilitadores neste processo de subjugação das mulheres¹¹ e, tantas vezes, a religião esteve a serviço de construir as narrativas para sustentar tantas histórias de atrocidades. Todas as características da acumulação primitiva permanecem presentes

¹¹ Silvia Federici observa como os homens buscaram manter seu poder com relação ao capital por meio da desvalorização e da disciplina das mulheres. (FEDERICI, 2017, p. 233-4)



ainda nos dias atuais da sociedade, incluindo diferentes atualizações da escravidão (HARVEY, 2004).

Certamente que o trabalho dispensado para tais análises e conclusões, é parte do que Pierre Bourdieu chamou de “des-historização” como fator importante e necessário para tornar perceptível a dominação masculina, assim como as violências simbólicas que tal dominação produziu. Para este fim, explica que:

(...)Para escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte, incontestavelmente, da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historicização, ou, se assim preferirem, a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que existem homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos. Em outros termos, uma “história das mulheres”, que faz aparecer, mesmo à sua revelia, uma grande parte de constância, de permanência, se quiser ser conseqüente, tem que dar lugar, e sem dúvida o primeiro lugar, à história dos agentes e das instituições que concorrem permanentemente para garantir essas permanências, ou seja, Igreja, Estado, Escola etc., cujo peso relativo e funções podem ser diferentes, nas diferentes épocas. Tal história não pode se contentar com registrar, por exemplo, a exclusão das mulheres de tal ou qual profissão, de tal ou qual carreira, de tal ou qual disciplina; ela tem que assinalar e levar em conta a reprodução e as hierarquias (profissionais, disciplinares, etc.), bem como as predisposições hierárquicas que elas favorecem e que levam as mulheres a contribuir para sua própria exclusão dos lugares de que elas são sistematicamente excluídas. (BOURDIEU, 1999, p. 100)

Portanto, é possível encontrar no romance de Atwood elementos que corroboram para esta reelaboração da história das mulheres, a des-historicização que propõe Bourdieu, tornando evidentes as violências impostas através das instituições sociais e perpetuando esta dominação em todas as esferas da sociedade. Essa nova banalidade do mal em que Gileade nos insere, com estupro institucionalizados, cerceamento da liberdade das mulheres, o extremo controle dos corpos, a anulação da existência da mulher como sujeito, na verdade não é novidade alguma, haja vista que desde o gênesis da narrativa bíblica que as mulheres são apenas alguma parte útil do sujeito real, o homem, e em outros momentos sujeito apenas para implicância de alguma culpa devida. O mito cristão é só uma entre tantas outras versões da mesma violência simbólica historicamente existente e cometida contra as mulheres.



Considerações Finais

O Brasil, herdeiro das intervenções missionárias religiosas cristãs, com sua educação de raiz jesuítica e que como colônia, alcançou a minoria da população, e apenas recentemente alargou as portas de suas escolas e universidades dando acesso a um maior número de brasileiros. Fatos estes que convergem com outros fatores que explicam o que permitiu com que Jair Bolsonaro, um candidato tão misógino, antidemocrático e intolerante com as minorias, tenha sido eleito. Sua campanha eleitoral pareceu um prenúncio de uma proposta de governo teocrático, como a vida imitando a arte de Atwood, um governo real semelhante ao do surreal da ficção. Os primeiros momentos do governo, não sabemos ao certo se devemos chamar de necropolítica ou uma versão à brasileira que ameaça ser um “Conto da Aia”. A política do medo, do terror, que ameaça eliminar todos os contrários, aqueles que não se enquadram no que é entendido como “ser um cidadão de bem”, em outras palavras, homem, cristão, branco e heteronormativo, portanto, deverá ser colocado à margem toda a diversidade de pensamento e de humanidades. Neste momento, no Brasil, há o assombramento pelo discurso do governo que ameaçam os direitos recentemente conquistados para a proteção da diversidade, das mulheres e de grupos minoritários. A imagem do modelo patriarcal de sociedade, as intenções de controle sobre o corpo das mulheres, e a ideia de reprodução como um valor supremo acima das vontades das mulheres, são evidenciados cotidianamente, assim como na distopia

Jessé de Souza chama de ‘ideologia do atraso brasileiro’, essa conversão de fatores, da qual não se pode excluir essa herança religiosa que afeta todo nosso pragmatismo político e cultural.

(...) Ele (este debate) inaugura uma complexidade inaudita para o debate político teórico e prático deste final de século. O que vem sendo chamado de política do reconhecimento obedece a uma lógica substancialmente distinta do paradigma redistributivo anterior. Como observa apropriadamente Nancy Fraser (1997, p. 15), a necessidade de redistribuição é uma injustiça econômica que pede alguma forma de reestruturação socioeconômica, ao passo que a necessidade de reconhecimento pede uma mudança cultural ou simbólica. Apesar dos dois quase sempre aparecerem juntos na realidade empírica, é necessário separá-los analiticamente. (SOUZA, 1998)



A vitória eleitoral de Bolsonaro, significa a vitória do nosso passado colonial como disse a historiadora Lilia M. Schwarcz em artigo recente no *The New York Times*¹², no qual sintetiza a história do Brasil de país colonizado e explorado pelos portugueses, organizado em grandes latifúndios dominados por despotismos e o poder autoritário e econômico concentrado em uma minoria, também o último país da América Latina a abolir a escravidão. Uma estrutura arraigada de autoritarismo, patriarcalismo, e profundos mecanismos de controle social através da religião e do Estado, que ainda hoje estão produzindo frutos, inclusive no alto índice de violência contra as mulheres e nas desigualdades socioeconômicas de classe, raça e gênero.

Importa considerar os processos históricos incluindo o desenvolvimento capitalista, sem perder de vista as relações de poder estabelecidas, na sociedade capitalista que “(...) organizada pelo Estado de forma androcêntrica, estruturada por três ordens inter-relacionadas de subordinação: (má) distribuição, (falta de) reconhecimento e (falta de) representação. (FRASER, 2009, p. 13). Nesta discussão Fraser chama a atenção para o fato de que não se trata meramente de retirar os obstáculos para a expansão capitalista como agenda de teorias neoliberais, nas quais embarcam algumas teorias feministas, mas de sair da sujeição masculina.

Afinal de contas, este capitalismo preferia confrontar mais as reivindicações para o reconhecimento e não as reivindicações para a redistribuição, na medida em que constrói um novo regime de acumulação sob a pedra angular do trabalho assalariado das mulheres, e busca separar os mercados de uma regulamentação social a fim de operar ainda mais livremente em uma escala global. (FRASER, 2009, p. 28)

Portanto, é preciso manter a perspectiva de utopia feminista, que se trata de uma luta por uma sociedade mais justa e igualitária, e eu acrescentaria livre das amarras das alienações. Em alusão ao romance de Atwood, o destino da aia Offred nada tem de individual, ela é parte de um “exército de escravas” de um sistema teocrático e totalitário mantido através de uma ditadura militar. Fato que acena para outro fato, o de que se a opressão é coletiva, os caminhos que o levarão à libertação e emancipação também são coletivos.

¹² Disponível em <<https://www.nytimes.com/es/2018/11/07/opinion-lilia-schwarcz-bolsonaro/>> Acesso em 29/01/19.



Referências

ABREU, Relines. Vozes Sociais e Relações de Poder em *The Handmaid's Tale*. **Darandina Revista eletrônica**. Juiz de Fora, vol. 11 n. 1, jun. 2018. Disponível em <http://www.ufjf.br/darandina/files/2018/08/Artigo-Relines-Abreu.pdf> Acesso em 10/01/2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Vol. 2; tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 2. São Paulo: Paulus, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FUJITA, Gabriela. Guerra destruiu figura do “homem herói” e consagrou mulher no trabalho. **UOL**, 2015. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/05/08/guerra-destruiu-figura-do-homem-heroi-e-consagrou-mulher-no-trabalho.htm>> Acesso em 10/01/2019.

FRASER, Nancy. **O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história**. Revista Mediações. Londrina, vol. 14, n. 2, 2009. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505>> Acesso em 10/01/19.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

Leia o discurso na íntegra do presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL). **O Globo**. 28 out. 2018. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/leia-discurso-na-integrado-presidente-eleito-jair-bolsonaro-psl-23194099/>>. Acesso em 15/01/19.

LUCRÉCIO. Da Natureza. Livro I. In: **Os Pensadores: Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca**, Marco Aurélio. Abril Cultural, 3ª ed., 1985.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação**. 2015. Tese (Doutorado em Letras). - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.



SCHWARCZ, Lilia M. Bolsonaro Representa el Pasado Colonial de Brasil. **The New York Times**. 7 nov. 2018. Disponível em <<https://www.nytimes.com/es/2018/11/07/opinion-lilia-schwarcz-bolsonaro/>> Acesso em 10/01/19.

SILVA, M. V. B. **Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.

SOUZA, Jessé. A Ética Protestante e a Ideologia do Atraso Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol. 13 n. 38, out. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300006> Acesso em 10/01/19.

TRUJILLO, María P. M. **O conto da Aia, os símbolos e as mulheres na narração distópica**. Medellín, vol. 24, n. 52 / p. 185-211, janeiro-junho, 2016.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.